



88052055

PORTUGUESE A2 – STANDARD LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A2 – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A2 – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1

Friday 18 November 2005 (afternoon)
Vendredi 18 novembre 2005 (après-midi)
Viernes 18 de noviembre de 2005 (tarde)

1 hour 30 minutes / 1 heure 30 minutes / 1 hora 30 minutos

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two passages for comparative commentary.
- Section B consists of two passages for comparative commentary.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative commentary.
- It is not compulsory for you to respond directly to the guiding questions provided. However, you may use them if you wish.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- La section A comporte deux passages à commenter.
- La section B comporte deux passages à commenter.
- Choisissez soit la section A, soit la section B. Écrivez un commentaire comparatif.
- Vous n'êtes pas obligé(e) de répondre directement aux questions d'orientation fournies. Vous pouvez toutefois les utiliser si vous le souhaitez.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la Sección A hay dos fragmentos para comentar.
- En la Sección B hay dos fragmentos para comentar.
- Elija la Sección A o la Sección B. Escriba un comentario comparativo.
- No es obligatorio responder directamente a las preguntas de orientación que se incluyen, pero puede utilizarlas si lo desea.

Escolha a Secção A **ou** a Secção B.

SECÇÃO A

Análise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e diferenças entre os dois textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos. Não é obrigatório responder directamente às perguntas orientadoras que são facultadas. No entanto, pode usá-las como um ponto de partida para elaborar o seu comentário comparativo.

Texto 1 (a)

Admiro as cartas longas, sem rumo, esparramadas, tipo conversa de botequim. Admiro a capacidade de transformar o assunto mais corriqueiro em arte e fazer a vida saltar de dentro das palavras. Sou uma lástima para as cartas. Por mais que me esforce, não sei escrevê-las. Além da falta de talento, fico telegráfico nas observações; consequência talvez do correio eletrónico, hoje
5 um vício. Minhas frases rangem como um edifício prestes a desmoronar, depois de empilhadas fora de ordem e de prumo. As idéias com frequência se superpõem, patinham, derrapam, sem imaginar para onde seguir. Repito-me na minha falta de assunto.

Considero as verdadeiras cartas entidades misteriosas. Vestem as mais diversas roupagens. Ora parecem monólogos endereçados aos outros ou diálogos de loucos consigo mesmos, ora almas
10 que se autopsicografam¹, ora corações transplantados para os miolos ou confissões de seres que nos habitam quando a vigília cochila. Veículos de prazer, dor, amizade e intercâmbio, abordam desde a declaração de amor até o lamento suicida. Possuem o perfume genuíno da nossa humanidade.

Ao lado de Monteiro Lobato, Mário de Andrade foi um dos nossos mais ativos missivistas. Em 1940, de uma vezada, escreveu sessenta páginas para uma amiga. Das cartas que enviou
15 para e Henriqueta Lisboa, deixou publicadas quarenta e duas. A poeta iniciou a correspondência “meio sem assunto”. Preâmbulo para as sete laudas² que lhe dirigiu. Após a intimidade, Mário confessou: “...em todos os contos eu insisto muito em me garantir ruim, perverso, cheio de vícios, baixo, vil, e no entanto os casos que sucedem não provam isso, mas sim que sou um sujeito bom, moralmente sadio... Achei isso esplêndido como retrato de mim”. Que melhor tela para pintar um
20 auto-retrato que a reflexão junto a um leitor ausente?

Luís Giffoni, *O Poeta e o Quasar*, Crônicas (adapt), (2003) Brasil

¹ autopsicografam – escrever pela mão de um médium

² laudas – páginas

Texto 1 (b)

- Todas as cartas de amor são
Ridículas.
Não seriam cartas de amor se não fossem
Ridículas.
- 5 Também escrevi em meu tempo cartas de amor,
Como as outras,
Ridículas.
- As cartas de amor,
Têm de ser
10 Ridículas.
- Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de amor
É que são
15 Ridículas.
- Quem me dera no tempo em que escrevi
Sem dar por isso
Cartas de amor
Ridículas
- 20 A verdade é que hoje
As minhas memórias
Dessas cartas de amor
É que são
Ridículas.
- 25 (Todas as palavras esdrúxulas,
Como os sentimentos esdrúxulos,
São naturalmente
Ridículas.)

Álvaro de Campos (heterónimo de Fernando Pessoa) *Poemas* (adapt), (1984) Portugal

- Comente as diferenças que encontra nos géneros literários utilizados nos dois textos.
- Analise o ponto de vista dos narradores.
- Compare o conceito de “carta” apresentado em ambos os textos.

SECÇÃO B

Analise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e diferenças entre os dois textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos. Não é obrigatório responder directamente às perguntas orientadoras que são facultadas. No entanto, pode usá-las como um ponto de partida para elaborar o seu comentário comparativo.

Texto 2 (a)

O aparelho de televisão ligado virou presença obrigatória nos ambientes públicos. Faz arte do cenário de bares, restaurantes, aeroportos, rodoviárias e salas de espera em geral. Sua onipresença diverte alguns, mas faz com que muita gente se compare aos fumantes passivos, aquelas pessoas expostas ao vício de outras. Mitch Altman é uma delas. Cansado de buscar sossego para ler, 5 conversar ou simplesmente evitar um programa chato que estava sendo exibido, o engenheiro elétrico americano dedicou dois anos da sua vida a inventar o TV-B-Gone (algo como tchau TV). A engenhoca, do tamanho de um chaveirinho, tem o poder de desligar qualquer televisor, como um controle remoto. O primeiro lote produzido, de 20 mil unidades, esgotou-se em menos de um mês. O funcionamento do aparelho é simples. Ele tem apenas um botão. Quando acionado, 10 envia cerca de 200 raios infravermelhos ao mesmo tempo. Um deles deve ser captado pela TV importunadora.

Na embalagem de controle remoto há um aviso: “Efeitos colaterais podem incluir diminuição da ansiedade, aumento das capacidades sociais e cognitivas e de sensação de bem-estar”. Ficou faltando alertar quais são os efeitos colaterais de desligar a TV se algum brutamonte na 15 cadeira ao lado estiver acompanhando a final do campeonato de futebol. “Eu jamais desligaria um aparelho a que alguém estivesse assistindo”, defende-se Altman. “A questão é que muitas vezes a TV fica ligada, quando ninguém está realmente prestando atenção”, justifica. Não há previsão para a chegada do TV-B-Gone ao Brasil. O engenheiro nem sequer testou a novidade em outros países. “Somos uma empresa pequena e o aparelho foi desenvolvido com poucos recursos”, conta. 20 A expectativa é que as vendas dos primeiros lotes dêem fôlego a empreitadas internacionais. “É uma boa desculpa para correr o mundo”, diz animado, da sua casa de São Francisco, na Califórnia, onde também funciona sua empresa, a Cornfield Electronics.

Betina Moura, *Revista Época* (adapt), (2004) Brasil

Texto 2 (b)

Para Nilda Alves, professora titular da Universidade do Rio de Janeiro e pesquisadora sobre “A recepção das novas tecnologias – a reprodução, a transmissão e a criação de valores, na relação escola/televisão”, a televisão é importante mas nem sempre terá o maior peso na formação da pessoa, como se acredita, justamente porque, ao receber o que a televisão traz, o espectador estará

5 impregnado também da sua história. Nilda defende que, para se tornar um bom usuário das novas tecnologias o professor, assim como os seus alunos, devem ser também produtores. “Hoje, a escola recebe uma televisão, boas fitas de vídeo, mas não recebe uma máquina de fazer vídeos”.

Jornalista – *Acha que não se deve atribuir à televisão a responsabilidade por gerar atos de violência em crianças e jovens, que, por exemplo, pegam o revólver do pai e atiram no colega, porque se inspiram em cenas que viram nos vídeos?*

10

Nilda – Esse jovem ou criança que cometeu o ato de violência precisava ter em casa o revólver, que provavelmente, foi comprado pelo pai, pela família. A isso, soma-se o entendimento com o qual, provavelmente, ele deve ter convivido, de que é preciso matar, é preciso reagir, com certeza, em minha casa, onde há televisão, esse acidente não ocorreria porque não há revólver.

15 **Jornalista** – *A televisão não tem o peso que, geralmente, atribui-se a ela, então?*

Nilda – Claro que a televisão tem um papel importante, principalmente em um país como o nosso, em que cresce o mercado editorial, mas em que não há livrarias no interior; em que os leitores de jornal são, na verdade, de banca de jornal, com acesso só à primeira página. Mas a televisão não está sozinha, não é a única formadora.

20 **Jornalista** – *De que forma o raciocínio que a senhora apresenta contribui para que se reavaliem as relações entre televisão e sociedade? Pode-se atribuir, sem susto, menos poderes à televisão?*

Nilda – Ao contrário, ao percebermos, ao levarmos em conta esses outros espaços e a sua capacidade de transformar, criar, reproduzir, podemos atribuir o peso exato à televisão. A diversidade está posta.

Jornal do Brasil (adapt), (2001) Brasil

- Indique como é apresentada a questão da influência da televisão na sociedade nestes dois textos.
- Aponte as diferenças de ponto de vista em relação ao mesmo tema.
- Comente as diferenças e semelhanças apresentadas nas estruturas dos dois textos.